

O diário de viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira: um documento da história da terminologia na Amazônia

Alexandre Rodrigues Ferreira's travel report: a document for the history of terminology in the Amazon

Bruno Maroneze* 

RESUMO: Propomo-nos, neste trabalho, a fazer um estudo exploratório a respeito da terminologia empregada no relato de viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) pela região amazônica. A expedição liderada por Ferreira entre os anos de 1783 e 1792 foi a mais importante expedição científica empreendida na região durante o período colonial. No seu relato, Ferreira descreve a fauna e a flora, bem como as povoações presentes na região, empregando, para tal, uma rica terminologia em formação naquela época. Por meio da leitura das duas primeiras “participações” do relato de viagem, elencamos os termos presentes e verificamos suas datações indicadas no dicionário Houaiss. Assim, identificamos 21 termos cujas datações ou são inexistentes ou são posteriores à data do relato de Ferreira, termos esses que são brevemente descritos e analisados. Concluímos esse breve estudo sinalizando que a obra de Ferreira é uma fonte riquíssima para o estudo da formação e da história da terminologia em língua portuguesa.

ABSTRACT: We propose, in this work, to make an exploratory study on the terminology used in Alexandre Rodrigues Ferreira's (1756-1815) travel report through the Amazon region. The expedition led by Ferreira between 1783 and 1792 was the most important scientific expedition undertaken in the region during the colonial period. In his account, Ferreira describes the fauna and flora, as well as the villages present in the region, using a rich terminology in formation at that time. By reading the first two parts of the travel report, we listed the terms and verified their dates, as indicated in the dictionary Houaiss. Thus, we identified 21 terms whose dates are either nonexistent or after the date of Ferreira's report, terms that are briefly described and analyzed. We conclude this short study by pointing out that Ferreira's work is a very rich source for the study of the formation and history of terminology in Portuguese.

* Doutor, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). maronezebruno@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE:	Lexicologia	KEYWORDS:	Diachronic	Lexicology.
Diacrônica.	Terminologia	Diacrônica.	Diachronic	Terminology.
Fauna e flora amazônicas.			fauna and flora.	Amazonian

1 Introdução

Este trabalho propõe-se a analisar um conjunto de unidades lexicais presentes no relato de viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), naturalista luso-brasileiro que, entre os anos de 1783 e 1792, liderou uma expedição exploratória pela região amazônica com o objetivo de descrever a fauna e a flora, bem como as povoações (indígenas ou não) presentes na reunião. O vocabulário empregado por Ferreira em seu relato contém inúmeros termos relativos à Zoologia e à Botânica, entre outras áreas, e revela o estágio do conhecimento científico em que o mundo luso-brasileiro se encontrava naquele momento. Apresentaremos aqui uma descrição de alguns desses termos, esperando, posteriormente, conseguir realizar um estudo exaustivo desta obra que é um capítulo importante na história da ciência brasileira.

Inicialmente, apresentaremos quem foi Alexandre Rodrigues Ferreira e qual foi o contexto da sua viagem. Em seguida, listaremos e descreveremos alguns termos encontrados. Por fim, nas considerações finais, abordaremos perspectivas futuras de pesquisa.

2 A viagem de Ferreira

Alexandre Rodrigues Ferreira nasceu em Salvador, na Bahia, em 1756. Tendo sido educado em Portugal, estudou na Universidade de Coimbra, onde se formou em Filosofia Natural. Foi indicado por Domingos Vandelli, importante naturalista e professor da Universidade de Coimbra, para chefiar uma expedição filosófica pela Amazônia, expedição esta que partiu de Lisboa em 1783. O objetivo da expedição era estudar a fauna, a flora, a geografia e a etnografia brasileiras, recolhendo espécimes, contatando povos e registrando tudo em imagens (pintadas em aquarela por dois profissionais que o acompanhavam) (LEITE; LEITE, 2010, p. 273-4).

O diário de viagem de Ferreira, conforme explica Lamarca (2015, p. 10-11), não foi publicado durante a vida do autor; isso aconteceu em parte porque a Coroa portuguesa não desejava divulgar informações sobre o Brasil para outras nações. Ao longo dos séculos XIX e XX, trechos do diário de viagem, bem como outros textos do autor, foram publicados em vários momentos diferentes. De acordo com Pôrto e Kodama (2008, p. 13), a primeira publicação da íntegra do diário de viagem ocorreu entre 1885 e 1888, pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB), e algumas memórias da viagem foram publicadas em outros periódicos.

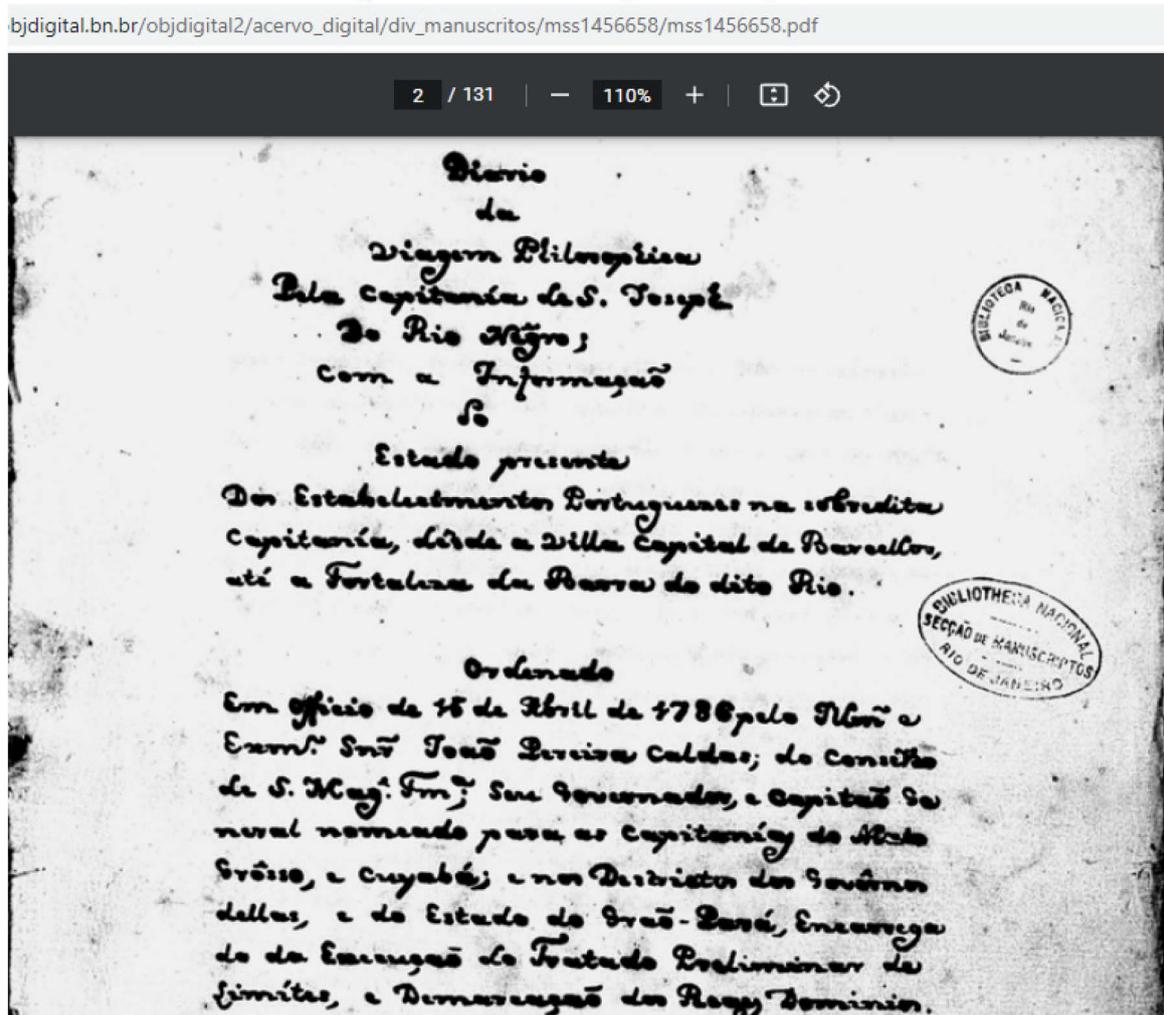
A edição a que tivemos acesso é a edição sem data¹ publicada pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (referida neste trabalho como FERREIRA, s/d), que é uma edição fac-similar dessa edição do final do século XIX. Todas as páginas aqui mencionadas se referem à paginação dessa edição. Temos também notícia de uma edição posterior, publicada pela Kapa Editorial, nos anos de 2002, 2003, 2005 e 2006 (PÔRTO; KODAMA, 2008, p. 13); no entanto, trata-se de edição esgotada e não encontrável com facilidade. Há também diversas edições de outros fragmentos e textos do autor, como o texto “Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso”, a cuja introdução (PÔRTO; KODAMA, 2008) já nos referimos.

Os manuscritos de Ferreira encontram-se em poder da Biblioteca Nacional, estando disponíveis para visualização *on-line* por meio do catálogo eletrônico (no *site* <https://www.bn.gov.br/> - figura 1). Não foi possível ainda cotejar a edição que consultamos com os manuscritos², para identificar se houve algum tipo de modernização do texto. Para um estudo posterior, mais rigoroso, será necessário realizar esse cotejo para identificar especialmente variantes gráficas dos termos em vigor na época.

¹ Pôrto e Kodama (2008, p. 13, nota de rodapé) afirmam que essa reedição é de 1983, mas nenhuma data é indicada nas páginas do volume.

² Aparentemente, o catálogo *online* da Biblioteca Nacional não disponibiliza o manuscrito autógrafa da primeira parte da viagem, que é o trecho por nós analisado. Esse manuscrito pode estar perdido ou não estar ainda digitalizado. Uma visita à Biblioteca Nacional deverá ser feita para esclarecer essa questão.

Figura 1 – Diário da Viagem Philosophica...



Fonte: disponível no site

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1456658/mss1456658.pdf

A edição do Museu Paraense Emílio Goeldi contém, ao todo, 775 páginas, divididas em duas partes (“Alto Rio Negro” e “Baixo Rio Negro”), precedidas por uma apresentação de uma página e uma introdução de 27 páginas, assinada por Carlos de Araújo Moreira Neto. Cada uma das duas partes é dividida em sete “participações”, cada uma delas descrevendo uma porção de terra coberta durante a viagem. Analisamos aqui os termos presentes nas duas primeiras participações da primeira parte: “De Barcelos a Moreira” (datada de 17 de janeiro de 1786); e “De Moreira a Tamar” (datada de 30 de janeiro de 1786).

3 Termos encontrados e analisados

Por meio da leitura do texto, foram extraídos termos das áreas da Botânica e da Zoologia (em especial referentes à fauna e flora amazônicas), bem como da Geologia (descrição de minérios presentes na Amazônia) e também da área têxtil e do Catolicismo (nos momentos em que Ferreira descreve as comunidades religiosas presentes na região). Os termos foram pesquisados no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (versão *online*, para assinantes), para identificar se suas datações são posteriores à data da viagem de Ferreira, bem como verificar possíveis alterações de significado. Assim, serão apresentados aqui apenas os termos que não constam no dicionário Houaiss ou os que constam com data posterior à data da viagem. Para esclarecer o significado de termos que não estão presentes no dicionário Houaiss, recorreremos a outros dicionários, em especial o dicionário de Moraes Silva (1789) e o Dicionário InFormal³. Os termos serão aqui apresentados divididos por área do conhecimento.

3.1 Termos da Botânica e da Zoologia

a) aráuina

O dicionário Houaiss data esse termo de 1886, portanto, um século mais recente do que a data de Ferreira. De acordo com esse dicionário, a aráuina é a ave de nome científico *Anodorhynchus glaucus*, conhecida também como arara-azul-pequena. No entanto, o próprio dicionário (no verbete *arara-azul-pequena*) não menciona a distribuição dessa ave pela região amazônica. O texto de Ferreira apresenta um comentário metalinguístico que pode ajudar na identificação correta da ave: “O arroz por outra parte padece o inconveniente de ser devorado pelas aráuinas, que são certos

³ O Dicionário InFormal é um *website* (<https://www.dicionarioinformal.com.br/>) que contém verbetes definidos pelos próprios usuários. Embora não apresente rigor em suas definições nem na apresentação de sua nomenclatura (devendo, portanto, ser usado com cautela), é uma fonte rica em informações sobre unidades lexicais não presentes em outras obras.

passaros como os melros do reino” (FERREIRA, s/d, p. 63). A comparação com os melros, aliada a consultas a especialistas e a análises de outros textos, pode ajudar a identificar a que ave se refere o termo.

b) cacoal e cacoeiro

Segundo o dicionário Houaiss, os dois termos são variantes de *cacaual* e *cacaueiro*, respectivamente. Embora *cacaual* e *cacaueiro* estejam datados como 1742 e 1699, a variante *cacoal* é datada de 1905 e *cacoeiro* não tem data. Em Ferreira, são essas duas últimas as variantes que ocorrem. Também ocorreu a forma *cocoal* (no plural *cocoães*), possivelmente por um erro do escriba⁴: “O certo é, que, visitando eu o seu cacoal, n’elle me mostrou um logar, onde me disse, que suspeitava ter sido fundada a igreja” (FERREIRA, s/d, p. 69). E também:

O cacáo padece o defeito commun ás outras povoações d’este rio; os moradores Matheus Nogueira e Luiz Pires Chaves, que havião disposto bons cocoães, virão sim crescer cada cacoeiro até á altura de seis palmos, mas logo depois passárão pelo desgosto de os verem arruinados do lagartão. (FERREIRA, s/d, p. 79)

c) inocular e inoculação

Os dois termos (referentes à variolização, um procedimento semelhante à vacinação) são datados, no dicionário Houaiss, respectivamente, de 1843 e 1781. Estranhamente, a diferença entre as datas é de quase seis décadas. O texto de Ferreira permite, assim, recuar a datação de “inocular”, aproximando-a da data de “inoculação”.

Ao descrever uma experiência de variolização na Amazônia, Ferreira usa o verbo *inocular* como intransitivo:

⁴ Ou um erro da transcrição para publicação; a consulta ao manuscrito autógrafo poderá esclarecer essa questão.

[...] Em 1740 repetio o mesmo contagio [de bexigas = varíola], e ainda que menos mortífero sempre fez grande estrago, principalmente no certão, onde Frei Joseph da Magdalena, religioso carmelita [...], fez inocular, pela primeira vez no Estado, por cujo motivo salvou grande numero de pessoas (FERREIRA, s/d, p. 77).

Para esse relato, Ferreira baseia-se em obra anterior, intitulada “Memoria dos mais terriveis contagios de bexigas e sarampo d’este Estado desde o anno de 1720 por diante”, do tenente-coronel Theodozio Constantino de Chermont, mencionada à p. 76 do relato de Ferreira. Ao encerrar seu resumo dessa obra, Ferreira também emprega o termo *inoculação*: “Até aqui a memoria do tenente coronel, onde vê Vossa Excellencia, que pende de uma prevenção tão facil, como é a inoculação, o adiantamento de muitas vidas” (FERREIRA, s/d, p. 78).

d) lagartão

Uma praga que destrói as lavouras de cacau é chamada de *lagartão*:

[...] aos que tem plantado e cultivado o cacáo, não tem até agora correspondido a colheita: as terras não são as mais proprias para a sua cultura, e menos proprias as faz o lagartão, que logo sobrevivem, e de uma só vez desengana as esperanças de alguns annos (FERREIRA, s/d, p. 55).

O termo *lagartão* não é atestado no Houaiss nem no dicionário de Moraes Silva (1789); trata-se, possivelmente, da larva de algum inseto que se alimenta das folhas do cacau. Novas pesquisas sobre textos da época e a consulta a especialistas poderão ajudar a esclarecer a que se refere o termo.

e) muriti

O termo é uma variante de *buriti*, que designa diversas espécies de palmeiras nativas do Brasil. Embora a forma *buriti* tenha data no dicionário Houaiss de 1631, a

variante com M, que é a registrada no texto de Ferreira, é datada pelo dicionário como de 1833, meio século posterior ao texto: “O altar mór [da igreja da vila de Tomar] é o unico que existe; tem seu retabulo feito dos pés das frondes da palmeira muriti” (FERREIRA, s/d, p. 72).

f) pedúnculo e pólen

Esses dois termos da Botânica têm as datas no dicionário Houaiss de, respectivamente, 1789 e 1844. Aqui, são atestados no trecho datado de 1786:

Ora, ainda que a chuva demasiada e intempestiva não obrasse imediatamente sobre as raizes das plantas [...], de outros modos diminue a fructificação; apodrecendo os rudimentos dos fructos germinados, quebrando os pedunculos das flôres, e lavando o pollen que vivifica o fructo (FERREIRA, s/d, p. 62-63).

g) peixe-boi

Embora *peixe-boi* seja datado, no Houaiss, de 1556-1557, o dicionário apresenta duas acepções diferentes para este substantivo: a primeira, como designação de um peixe de nome científico *Lactophrys tricornis*, ou baiacu-de-chifre; a segunda, como designação de um grupo de mamíferos sirênios da família dos triquecídeos. No texto de Ferreira, fica claro que está se referindo ao mamífero aquático, visto que, no inventário de bens de um vigário, constam arpões para pescar o peixe-boi: “Do seu inventario constava, que tinha sete machados, [...] cinco arpões de peixe-boi, um formão, [...]” (FERREIRA, s/d, p. 60). Pesquisas em outros textos deverão revelar se a primeira atestação, do século XVI, refere-se ao peixe ou ao mamífero. Nota-se que a decisão do dicionário Houaiss em datar apenas a palavra, e não cada acepção, traz problemas para estudos de natureza histórica.

h) puxeri

Ao final de cada “participação”, Ferreira inclui “mapas”, que são quadros com contabilidades de população, de gêneros cultivados e de cabeças de gado. Num desses mapas, onde consta a “quantidade e qualidade dos generos cultivados e colhidos pelos moradores [...] da villa de Thomar” (FERREIRA, s/d, p. 84), ao lado de “cacáo” e “salsa”, consta também “puxeri”, que é certamente o nome de uma planta, mas que não pode ser identificada apenas por essa lista. É possível que seja a planta conhecida como “puxiri” ou “pixurim” (*Licaria pucheri*), árvore amazônica da qual se extrai a noz-do-pará (cf. dicionário Houaiss, verbete *pixurim*); “puxiri” é datada pelo Houaiss em 1817; já “pixurim” é datada em 1757. A variante “puxeri” encontrada em Ferreira não é dicionarizada, nem no Houaiss nem na obra de Moraes Silva (1789).

i) timbó-titica e uambé

O termo “timbó-titica” não está registrado no dicionário Houaiss, que registra apenas *timbó* (datado de 1560), como uma designação comum a diversas espécies de plantas. Já o Dicionário InFormal afirma que o timbó-titica é a planta de nome científico *Cissus cordatus*. Em relação ao uambé, o dicionário Houaiss data de 1911, como sinônimo de *cipó-de-imbé*, que é a planta de nome científico *Philodendron imbe*. Pesquisas futuras deverão confirmar essas informações, já que o contexto de Ferreira é pouco esclarecedor: “[...] bastará por agora, que uma só cousa advirta, e é que, fiados no uambé e no timbó-titica, tem deixado os indios das povoações superiores, não digo já perder, mas internar-se pelo mato a piassaba” (FERREIRA, s/d, p. 82).

3.2 Termos da Geologia

a) ocra e argila vitriolácea

Ao descrever o solo das margens do rio que vai de Barcelos a Moreira, Ferreira emprega diversos termos da Geologia, dos quais um deles (*ocra*) é registrado no

dicionário Houaiss com data de 1801 e outro (*vitrioláceo*) não tem registro nesse dicionário:

[...] D'estas elevações as que são escavadas para a parte do rio, tomão o nome de barreiras; constão do chamado tijuco, que é a argilla vitriolacea de Linneo, mais e menos entremeada do chamado tauá, que é a ochra de ferro amarella; a outra porção de argilla avermelhada toma o nome de curí. (FERREIRA, s/d, p. 57)

3.3 Termos da área têxtil

a) agalado

Ao descrever as doações que certos moradores de Moreira fazem à igreja, Ferreira menciona “uma bôa manga de cruz de setim branco, agalado de ouro” (FERREIRA, s/d, p. 59). O adjetivo *agalado*, na acepção de “guarnecido com galão (tira de tecido bordada)”, é datada no dicionário Houaiss em 1795.

b) durante (sm.)

Logo em seguida ao trecho transcrito acima (em *agalado*), Ferreira menciona que “o morador João do Rosario tinha dado 35 covados de durante escarlata, para as ópas dos irmãos” (FERREIRA, s/d, p. 59). O dicionário Houaiss registra *durante* apenas como adjetivo e preposição, não registrando, portanto, essa acepção como substantivo.

O substantivo *durante* está registrado no dicionário de Moraes Silva (1789): “Droga estreita, e rara de lã, rasa, ou sem frisa” (“droga”, nesse sentido, deve ser entendida como “mercadoria”).

c) pano-rei

Trata-se, assim como *durante*, de outra espécie de tecido, mas cujo significado mais preciso não foi possível identificar (visto que tampouco está registrado no dicionário Houaiss, no de Moraes Silva ou no Dicionário InFormal). É o tecido de uma sobrepeliz do vigário de Moreira: “Joseph Estevão de Brito deu a unica sobrepeliz que

ha; das duas alvas pertencentes á fazenda real, uma de panno de linho ainda serve; a outra de bretanha está muito velha, e a melhor das trez, que vi, foi de panno-rei, que derão os moradores” (FERREIRA, s/d, p. 58-9).

3.4 Termos do Catolicismo

a) píxide

Ao descrever a igreja de Moreira, Ferreira apresenta o inventário de objetos presentes: “Do seu inventario consta, que possui um calix com o copo somente de prata, [...] uma pixide de prata [...]” (FERREIRA, s/d, p. 59). O dicionário Houaiss registra o verbete *píxide*, com essa acepção (“vaso em forma de cálice com tampa em que se guardam as hóstias e partículas consagradas para a comunhão”) datado de 1836.

b) planeta (sf.)

O termo *planeta* (como substantivo feminino) designa o paramento sacerdotal e é datado no dicionário Houaiss como sendo de 1899. Dessa forma, o texto de Ferreira permite recuar essa data em mais de um século: “A planeta roxa tem servido menos do que as duas brancas; ha pouco, recebeu o vigario outra nova, que é branca com sebastos encarnados” (FERREIRA, s/d, p. 59).

c) vigararia

A vigararia é o cargo de vigário, e no dicionário Houaiss é datada de 1789. O texto de Ferreira, portanto, recua em alguns anos essa data: “[a igreja] tem tido nove vigarios desde Frei Antonio de Oliveira [...] até Frei Joaquim Joseph Barreto [...]; ha pouco tempo ainda que tomou posse da vigararia” (FERREIRA, s/d, p. 75).

4 Considerações finais

Esperamos, com essa brevíssima análise, ter demonstrado a enorme importância da obra de Ferreira para os estudos de Lexicologia Diacrônica, de História da Ciência e de História em geral da região amazônica e do Brasil como um todo. Os vinte e um termos descritos brevemente na seção 3 representam apenas uma pequena parcela dos muitos termos empregados na obra de Ferreira, mas são suficientes para revelar a grande importância dessa obra: por ser a mais importante expedição científica ocorrida na Amazônia no período colonial, o texto traz um vocabulário científico riquíssimo, contendo inclusive muitas ocorrências neológicas para a época. O estudo exaustivo da terminologia presente no texto, ainda por fazer, possibilitará uma melhor compreensão da constituição do léxico especializado em língua portuguesa, subsidiando um possível dicionário histórico de termos científicos⁵.

Cabe também aqui uma breve reflexão sobre os estudos diacrônicos em Terminologia. É comum lermos que os estudos diacrônicos são ainda incipientes na área da Terminologia (cf., por exemplo, DURY; PICTON, 2009); dentre esses, destacam-se estudos de variação terminológica em diacronias recentes (por exemplo, DURY, 2013). Estudos a partir de dados mais recuados no tempo (mais de dois séculos, por exemplo), no entanto, já começam a surgir, podendo ser citados os trabalhos de Finatto (2018), Maroneze e Alves (2019) e Curti-Contessoto e Barros (2020), entre outros. Esperamos que o breve estudo aqui apresentado possa também contribuir para o desenvolvimento dessa área de estudos.

⁵ Cabe aqui mencionar um importante passo nesse sentido, que é a já citada obra organizada por Ângela Pôrto, referente a outro texto de Ferreira, e que também inclui um breve glossário, de autoria da fisioterapeuta Edméa Lima (LIMA, 2008). No entanto, essa edição do texto, por ser modernizada, é apenas de relevância relativa para um estudo em Linguística Histórica; seu glossário tampouco segue os princípios da Terminologia Diacrônica. Assim, ainda são necessários novos estudos que adotem a perspectiva diacrônica.

Referências bibliográficas

CURTI-CONTESSOTO, B.; BARROS, L. A. Um estudo sobre aspectos textuais e terminológicos das certidões de casamento expedidas entre 1791 e 1913 na França. **Cadernos do IL**. Estudos Linguísticos, n. 61, set. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/103107/58465>. Acesso em: 25 jan. 2022. DOI <https://doi.org/10.22456/2236-6385.103107>

DURY, P. ; PICTON, A. Terminologie et diachronie: vers une réconciliation théorique et méthodologique? **Revue Française de Linguistique Appliquée**, vol. XIV, 2009, p. 31-41. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-linguistique-appliquee-2009-2-page-31.htm>. Acesso em: 25 jan. 2022. DOI <https://doi.org/10.3917/rfla.142.0031>

DURY, P. Que montre l'étude de la variation d'une terminologie dans le temps. Quelques pistes de réflexion appliquées au domaine médical. **Debate Terminológico**. n. 9, p. 2-10, fev. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/37168/24030>. Acesso em: 25 jan. 2022.

DICIONÁRIO InFormal. Web. 28 out. 2019. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 9 out. 2020.

FERREIRA, A. R. **Viagem Filosófica ao Rio Negro**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

FINATTO, M. J. B. Corpus-amostra português do século XVIII. **Domínios de Lingu@gem**, v. 12, n. 1, p. 435-464, 29 mar. 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/40004>. Acesso em: 25 jan. 2022. DOI <https://doi.org/10.14393/DL33-v12n1a2018-15>

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, s/d. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 9 out. 2020.

LAMARCA, E. T. **Alexandre Rodrigues Ferreira e sua Viagem Filosófica ao Rio Negro**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://docplayer.com.br/138395773-Universidade-de-sao-paulo-faculdade-de-filosofia-letras-e-ciencias-humanas-programa-de-pos-graduacao-em-literatura-brasileira-eric-tadeu-lamarca.html>. Acesso em: 9 out. 2020.

LEITE, J. N.; LEITE, C. S. G. Alexandre Rodrigues Ferreira e a formação do pensamento social na Amazônia. **Estudos avançados**, vol. 24, n. 68, São Paulo, 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n68/19.pdf>. Acesso em: 9 out. 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100019>

LIMA, E. Glossário. *In*: PÔRTO, Â. de A. (org.). **Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso: a memória de Alexandre Rodrigues Ferreira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

MARONEZE, B.; ALVES, I. M. Um estudo de História da Terminologia: os termos em William Harvey (1628). **Polifonia**, vol. 26, n. 41, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/7117>. Acesso em: 25 jan. 2022.

MORAES SILVA, A de. **Diccionario da Lingua Portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau...** Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

PÔRTO, Â. de A.; KODAMA, K. Introdução. *In*: PÔRTO, Â. de A. (org.). **Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso: a memória de Alexandre Rodrigues Ferreira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

Artigo recebido em: 26.10.2021

Artigo aprovado em: 16.03.2022